

O ORIGINAL NA TRADUÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

Eleonora Frenkel Barretto
Universidade Federal de Santa Catarina
eleonora.frenkel@gmail.com

RESUMO

A atividade tradutória realizada por Machado de Assis não é um dos aspectos mais destacados de sua obra.¹ Entretanto, partimos aqui da premissa de que essa atividade desempenhou um papel relevante na trajetória literária do escritor, na medida em que traduziu quarenta e oito textos de vários gêneros literários e, ao fazê-lo, teorizou sobre a prática da tradução. Sua atitude e suas reflexões sobre a prática da tradução permitem discutir os conceitos de autoria e originalidade, que serão aqui abordados com base nos estudos de Lawrence Venuti.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis tradutor. Teoria machadiana da tradução. Tradução e Autoria. Tradução e originalidade.

ABSTRACT

Machado de Assis works on translation can not be considered his most relevant production. Nevertheless, in this article, it is assumed that his activity as a translator had a relevant role in his career as a writer, because of two main reasons: first, he made 48 translations of different genres and, second, when translating, he constructed some theories about translation practices. His positioning and his thoughts about translation practice allow us to discuss two main concepts: authorship and originality, which will be here presented based on Lawrence Venuti's studies.

KEYWORDS: Machado de Assis Translator. Machado de Assis Translation Theory Translation and Authorship. Translation and originality.

Machado de Assis tradutor

Jean-Michel Massa realizou, em 1970, um estudo sobre as obras traduzidas por Machado de Assis (*Machado traducteur*). Posteriormente, John Gledson também abordou o tema (*Machado de Assis: ficção e história*, 1986; e *Machado de Assis e confrades de versos*, 1998). Mais recentemente, Eliane Ferreira (2004) empreendeu a tarefa de construir o “mosaico teórico machadiano do traduzir”.

Massa (1970) apresenta uma relação das traduções feitas por Machado de Assis, e Ferreira (2004, p.202-207) a complementa baseada no levantamento que realizou durante a elaboração de sua tese. São quarenta e oito títulos de gêneros diversos - poesia, teatro, ensaio, conto e romance - e de vários escritores: William Cowper, Lamartine, Charles Rybeyrolles, Shakespeare, Bernizone, Dumas fils, Mme. de Girardin, Musset, Vattier e de Najac, Héniaux, Olona Gaeta, Carré et Barbier, Chénier, Mickiewicz, Nadaud, Heine, Feuillet, Hugo, Barrière et Plouvier, Beaumarchais, Sardou, Blest-Gana, Boilhet, Schiller, Dickens, Gaillard, Dante, Chateaubriand, Racine, La Fontaine.

Gledson (1998, p.7-10) procura explicar a escolha das obras a serem traduzidas por Machado e afirma que a seleção de poemas de Lamartine, Musset e Chénier revela “o jovem idealista querido do Romantismo”, ou seja, estaria em grande medida influenciada pela moda da época. A escolha de Bouilhet já revela uma opção “mais pessoal e original”, de um escritor não muito famoso, mas amigo de Gustave Flaubert, de quem Machado foi grande admirador. As traduções de Shakespeare ainda mostram, conforme Gledson, “uma obediência à moda ou ao cânone literário”. A partir da tradução de Chateaubriand, o escritor brasileiro começaria a afirmar sua independência, culminando com escolhas que “convinhem ao seu gênio”: Dante, por suas “figuras maravilhosamente grotescas”; Edgar Allan Poe, por representar uma escolha “por alguma coisa mais humilde e próxima à sátira”; e os escritores franceses do século XVII: Molière, La Rochefoucauld, La Bruyère e La Fontaine, por seu “moralismo sarcástico, o ritmo prosaico, o tom entre a sentença e a paródia”.

Nem todos os textos foram traduzidos do idioma no qual foram escritos originariamente. Machado realizou também várias traduções indiretas, como no caso dos poemas de Schiller, Heine e Cowper (Cf. Ferreira, 2004, p.122). O francês era o idioma que mais dominava, foi, portanto, do francês que fez mais traduções. Entretanto, não extraiu exclusivamente da literatura

francesa os elementos para compor sua obra, foi também fortemente influenciado por Shakespeare, por exemplo. Como afirma Ferreira (2004, p.123): “pode-se afirmar que *Hamlet*, *Otelo*, *Romeu e Julieta* e *Macbeth* foram seus textos prediletos”. Isso é evidente no romance “Dom Casmurro”, comparado ao *Otelo* de Shakespeare e até, em alguns casos, motivo de acusação de plágio por parte de Machado [Cf. a discussão apresentada por Ferreira (2004, p. 166) com Helen Caldwell (2002), e também os ensaios de Afrânio Coutinho (1959) sobre as influências de Machado de Assis e a “teoria do molho”].

As traduções feitas por Machado de Assis não se limitam às citadas, estendem-se também a diversos trechos que foram traduzidos pelo escritor para figurar como citações em suas obras, como no caso das citações de falas de personagens das peças de Shakespeare que aparecem em suas crônicas, contos e romances (Cf. Ferreira, 2004, p.123). O que é importante sublinhar é o que Ferreira diz sobre a “técnica de apropriação” que se pode observar nas citações/traduições de Shakespeare feitas por Machado: “[...] as referências adquirem uma roupagem machadiana com novos significados: irônicos, galhofeiros, perversos ou satânicos. Machado sempre se valia de citações de Shakespeare, ora para invertê-las, ora para questioná-las”.² Ou seja, essas citações/traduições já revelam uma concepção do traduzir, uma forma de entender e realizar a tradução, que está implícita na obra machadiana.

“Perfazedor”: o tradutor na teoria machadiana

No Prefácio que escreveu para a antologia poética de Raymundo Corrêa, intitulada *Symphonias*, Machado de Assis afirma que o poeta “perfez com o amor dos originais” as traduções que apresenta e que isso foi feito, “em muitos casos com habilidade de primeira ordem” (ASSIS *apud* Ferreira, 2004, p.126). Assim, Machado remete à discussão sobre a oposição entre a obra original e a tradução, questionando-a e apontando para uma nova compreensão do tradutor como autor e do texto traduzido como dotado de uma originalidade e autonomia frente ao texto fonte.

Isso fica claro em sua afirmação sobre a tradução do Dr. Pedro Luís (*O grito de uma alma perdida*) da poesia de John Greenleaf Whittier (*The Cry of a Lost Soul*): “A poesia tradução parece poesia original, tão naturais, tão fáceis, tão de primeira mão são os seus versos. Não quero

privar os entendedores do prazer de compararem as duas produções, os dois originais, deixem-me assim chamá-los” (ASSIS apud *Ferreira*, 2004, p.127-128).

Poder-se-ia dizer, portanto, que Machado questiona a dicotomia original/tradução, desmistificando a suposta superioridade do *original*. No conto *Decadência de dois grandes homens*, Machado escreve: “Atirei-me ao prazer de estudar todos os originais que encontrava, e não tenho dúvida em confessar que até então só tinha encontrado cópias” (ASSIS apud FERREIRA, 2004, p.128). Ao mesmo tempo, valoriza o trabalho criativo e autônomo do tradutor, considerando-o autor de uma obra que adquire características particulares em relação ao texto primeiro (Cf. Massa e Ferreira).³

Gledson (1998, p.10) analisa a tradução feita por Machado de *The Raven*, de Poe, e afirma: “Em muitas das suas traduções, Machado muda o talhe do verso original para se dar mais liberdade. Em *The Raven*, inventa um outro, muito diferente do original, tão rígido quanto, e que, sobretudo, consegue usar de maneira a permitir um ritmo natural e suficientemente variado”. Entretanto, o próprio Gledson afirma que, nem em todos os casos, Machado foi tão feliz: referindo-se às traduções de poemas de Musset e Chénier, afirma “As traduções são fiéis, mas destroem o ritmo desses dois poemas e, sem esse ritmo, mais valeria que não existissem”. No caso da tradução de *To be or not to be*, de Shakespeare, diz: “Parece-me que Machado, como seria de se prever, sacrificou a espontaneidade”.

Em uma análise comparativa das traduções de Machado e de Fernando Pessoa do mesmo poema de Poe, Sérgio Bellei (1987, p.49) mostra que o primeiro falha nos dois objetivos essenciais de uma tradução poética: manter o ritmo e o sentido, mas defende que isso se deve a concepções diferentes dos dois escritores sobre a tradução: “The world ‘translation’ when applied to poetry seems in no way to mean the same thing to these two major writers of Portuguese-Brazilian literature”. Machado desvia-se sistematicamente do texto fonte, o que torna difícil acreditar que isso não seja intencional. Segundo Bellei (1987, p.51): “There is method and purpose in Machado’s deviations from Poe’s original. He is not translating, he is doing something else”. E a razão para tal seria um projeto de construção de uma literatura nacional no Brasil. Segundo Bellei, Machado estaria questionando a originalidade de um escritor e o estabelecimento de uma literatura nacional em um contexto onde é inegável a relação de dependência com originais prévios representantes de uma tradição literária estrangeira:

How can a writer be original and establish the basis for the foundation of literary nationalism in the tropics if he is aware that this new beginning is doomed to arise in a problematic relationship of dependence on a previous origin represented by the Western Literary Tradition? Machado's career as a writer can be viewed in terms of the attempt to find an answer to this question of origins and beginnings. (BELLEI, 1987, p.59)

Origin é um ponto de partida cuja origem é desconhecida e naturalizada e que controla e domina os desenvolvimentos subsequentes: os *beginnings*; estes sim são realizados intencionalmente pelos homens para romper com o precedente (*origins*), negando-o e criando algo novo. Ambos são forças complementares que lutam pelo domínio:

The dialectics of origin and beginning implies that the origin is a controlling point of departure which is not originated by anything and from which something naturally follows. In this sense 'origin' is a theological concept, whereas 'beginning' is a more secular or gentile concept derived from and opposed to origins. A beginning is a point of departure related to other points of departure (the origins) and developed by the human intention to produce discontinuity with regard to what precedes it. Origins and beginnings are therefore complementary forces in search of dominance. To the tendency of origins to centrally dominate the beginnings that derive from it, beginnings respond with the opposite tendency to deny origins and begin new. (BELLEI, 1987, p.59)

Machado estaria procurando um equilíbrio entre esses dois extremos, não permitindo que a produção literária nacional fosse dominada nem pelo poder da tradição estrangeira, nem pela oposição radical essa produção. A estratégia para tal é a "apropriação" de textos estrangeiros e não sua "mera tradução" (BELLEI, 1987, p. 61).

Nesse sentido, vale mencionar o artigo de Astrojildo Pereira (1981) que discute a consciência da nacionalidade na obra de Machado de Assis; pare ele, o escritor viveu no período histórico (1870-1880) quando se observou a transição do "instinto" para a "consciência" de nacionalidade no Brasil e condensou a "mais pura substância" desta última. Machado buscava uma "nacionalidade literária" e a "independência do pensamento nacional".

Nesse contexto, as concepções de autoria e tradução estariam informadas pelo "geral desejo de criar uma literatura mais independente", presente no ensaio *Instinto de nacionalidade*. Segundo Coutinho (1959, p. 173) é a "teoria do molho", o que explica a teoria machadiana da originalidade em literatura: "a matéria prima pode vir de onde for possível, mas ao bom artista cabe transformá-la, transfigurá-la, imprimir-lhe um cunho peculiar, graças ao tempero com o molho de sua fábrica". Ou seja, nenhum escritor, nenhuma obra é produzida no vazio, as

influências ocorrem, mas cada um constrói seus padrões de significado, sua estrutura específica, seu estilo próprio.

Essa concepção aparece em traduções de Machado como um não-servilismo ao texto fonte, e alguns exemplos ilustram as licenças que o escritor se permitiu ao traduzir, reafirmando sua atitude de *tradutor-perfazedor*, de autor-criador: no caso do poema de William Cowper (*On receipt of my mother's picture*), isso é evidente já à primeira vista: Machado traduziu o título para *Minha mãe* e escreveu um poema de 28 versos, enquanto o de Cowper tem 121; nesse caso, o texto de Machado é apresentado como uma *imitação*. Na tradução de *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, observam-se alguns *brasileirismos*: *qüiproquó*, *dinheirinho*, *Tutu*, *barateza*, demonstrando a intenção de deixar marcas locais no texto. Na tradução de *The Raven*, de Edgar A. Poe, muda as estrofes de 6 para 10 versos.

As licenças do escritor indicam uma concepção da tradução como apropriação e reconfiguração do texto fonte, subordinada ao projeto de construção de uma literatura nacional brasileira. Entretanto, em um dos pareceres sobre as peças apresentadas ao Conservatório Dramático de Letras (FERREIRA, 2004, p.149), Machado revela-se menos condescendente em relação às *liberdades* tomadas pelo tradutor, apresentando a exigência de uma fidelidade ao texto fonte, no sentido de não suprimir trechos: “Uma simples e ligeira comparação entre o original e a tradução que tenho presente basta para ver quanto esta é infiel, e como o tradutor suprimiu as dificuldades que não pôde vencer [...]”.⁴

Essa fala revela aparentemente uma contradição entre a atitude de Machado de Assis como tradutor e como crítico de traduções. Entretanto, somente uma análise mais detalhada poderia permitir tal afirmação. No parecer citado, Machado poderia estar se referindo apenas a uma tradução que não considerava de boa qualidade e à qual, portanto, não se poderiam permitir certas *liberdades*, certas *apropriações*, apenas por não terem se revelado felizes.

A atitude de *tradutor-perfazedor* adotada por Machado de Assis e seus questionamentos acerca da *originalidade* de uma obra literária permitem uma associação com a discussão sobre “autoria” e “originalidade”, retomada por Lawrence Venuti (2002), na qual apresenta uma concepção coletiva de autoria e a noção da tradução como forma também original, derivada de um texto fonte, mas dotada de uma singularidade.

Autoria x Tradução?

Há uma tendência dominante de contrapor o texto fonte à tradução, desvalorizando esta última como cópia, enquanto o primeiro seria o único dotado de originalidade. Essa questão remete, primeiramente, à noção da autoria de uma obra literária. Assim como o texto traduzido, o texto fonte possui uma origem, não emana isoladamente do espírito de seu escritor, sofre influências do contexto histórico, social e político do autor, bem como das obras que fazem parte de seu repertório de leituras, seja de literatura estrangeira ou local. Nesse sentido, a noção de autoria pode ser repensada com o intuito de fugir de uma compreensão individualista da mesma. Como afirma Venuti (2002, p.116):

A autoria não é individualista, mas coletiva: a forma do trabalho não se origina simplesmente com o autor como ‘seu estilo e expressões próprios’, mas é de fato uma colaboração com um grupo social específico, na qual o autor leva em consideração os valores culturais característicos daquele grupo.

Paralelamente, pode-se acrescentar que não existe uma única versão possível de uma tradução, cada tradutor tomará decisões e fará opções que lhe são peculiares, que remetem, por sua vez, à sua história lingüística, à sua bagagem literária, ao seu contexto histórico, social e político, de modo que cada tradução terá uma originalidade própria. Como afirma Venuti (2002, p.115): a tradução possui uma autonomia relativa em relação ao texto estrangeiro, é um ato de criação da forma e, portanto, existe como um objeto independente do trabalho subjacente no qual está baseado.

Evidentemente, trata-se de coisas diferentes: a elaboração de um texto e a sua tradução, que revela, cada uma, uma forma de autoria e de originalidade. Nesse sentido, Venuti (2002, p.88) nota que a diferença entre a tradução e a “composição original” é o grau de liberdade para trabalhar com os materiais culturais que assimila: “a tradução é governada pelo objetivo da imitação, ao passo que a composição original é livre, relativamente falando, para cultivar uma relação mais variável com os materiais culturais que assimila”.

Ao afirmar a autoria e a originalidade da tradução não se pretende reduzir o *valor* ou a importância do texto fonte, mas apenas não desvalorizar o trabalho de tradução que é também dotado de *erudição*: “A tradução também pode ser considerada uma forma de erudição”. (VENUTI, 2002, p.88)

Considerações finais

Machado de Assis traduziu um número significativo de textos e, ao fazê-lo, elaborou algumas reflexões teóricas sobre sua prática; também o fez como parecerista do Conservatório Dramático de Letras. Nenhum desses aspectos de sua obra tem merecido o devido destaque, provavelmente porque muitas de suas traduções não são consideradas especialmente boas, principalmente se comparadas com suas próprias obras, e porque a teorização sobre a prática da tradução aparece muito fragmentada, como mostra o estudo de Ferreira (2004). Entretanto, essas traduções certamente tiveram grande influência na produção literária de Machado de Assis, assim como as obras de literatura estrangeira que leu em sua época. Não devemos nos esquecer que o sistema literário brasileiro do século XIX, ainda em formação, foi amplamente influenciado pela literatura estrangeira e conformado também por muitas traduções.

Além disso, a partir deste terreno pouco explorado, é possível fazer algumas reflexões, entre as quais destacamos a discussão sobre a oposição entre o texto original e o traduzido. Essa discussão está relacionada com o tema da autoria da obra literária e o próprio conceito de *originalidade*, apresentado com as considerações de Venuti.

Com base nessa leitura, trata-se de compreender que texto fonte e texto traduzido são peculiares e autônomos, ainda que o segundo derive do primeiro, e que a tradução assume uma independência em relação ao texto de partida e cumpre uma função específica no sistema literário de chegada.

A atitude de Machado de Assis como *tradutor-perfazedor* e a subordinação de sua atividade tradutória ao projeto de construção de uma literatura nacional, ainda que apresentadas aqui de forma incipiente, permitem uma aproximação a essas importantes questões da teoria da tradução.

NOTAS

¹ José Arimatéia Pinto do Carmo e Ledo Ivo apontam essa lacuna na historiografia literária brasileira (Cf. Ferreira, 2004, p.134).

² Cf. também o artigo de Sandra Vasconcelos *apud* Ferreira, 2004.

³ Ferreira (2004, p.135-144) apresenta um exemplo curioso para discutir o tema da *originalidade*, bem como a valorização da criatividade e autonomia do tradutor revelada nas traduções de Machado: o escritor fez uma tradução de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, de Hénau, 1861, que foi considerada como texto de sua autoria por diversos estudiosos machadianos e incluído como tal em várias Obras Completas do autor publicadas no Brasil, até que o estudo de Massa comprovou que se trata, de fato, de uma tradução. Este episódio revela, diga-se de passagem, o hábito que havia no século XIX no Brasil de não indicar o nome dos tradutores (Cf. Aguiar, 1996, e Coco, 1990 *apud* Ferreira, 2004, p.144).

⁴ Parecer da comédia *Nos Intimes*, de Victorien Sardou (FERREIRA, 2004, p.150).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. Minha mãe (1856). Imitação de William Cowper, On receipt of my mother's picture. *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

_____. *Os trabalhadores do mar* (1866). Tradução de Victor Hugo. *Les travailleurs de la mer*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1954.

_____. “Instinto de nacionalidade” (1873). In: *Obras completas de Machado de Assis. Crítica Literária*. São Paulo: Jackson editores, 1953, p. 129-149.

_____. *O corvo* (1883) Tradução de Edgar Allan Poe, *The raven*.

BELLEI, Sérgio. The Raven, by Machado de Assis. *Ilha do desterro*, n. 17, 1º semestre 1987, p. 47-62.

COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

FERREIRA, Eliane. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.

GLEDSOON, John. “De Lamartine a La Fontaine. As traduções poéticas de Machado de Assis”. In: _____ (org.). *Machado de Assis & Confrades de versos*. São Paulo: Minden, 1998.

PEREIRA, Astrojildo. “Instinto e consciência de nacionalidade”. In: Bosi, Alfredo *et al.* *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1981, p. 373-390.

VENUTI, Lawrence. “Autoria” e “Direitos autorais”. In: *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 65-127. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia M. Villela, Marileide D. Esqueda e Valéria Biondo.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.